

## A 2.ª VOLTA DAS ELEIÇÕES FRANCESAS

# VITÓRIA DO CENTRO-DIREITA SOBRE A (DES)UNIÃO DA ESQUERDA

**E** SCASSOS 335 mil votos de vantagem (12 662 160 contra 12 327 096) deram ao Centro-Direita uma confortável vitória na 2.ª volta das eleições legislativas francesas, permitindo-lhe ser representada por 291 deputados na Assembleia Nacional, enquanto a Esquerda contará apenas com 200 mandatos. Vicissitudes de um sistema assente na sobrevalorização das pequenas circunscrições rurais, mais conservadoras, em detrimento das áreas urbanas, densamente povoadas e ávidas de mudança. Mas

não só: também a indisciplina de voto dos eleitores socialistas e radicais, que se recusaram em grande número a contribuir para a eleição de deputados comunistas, para além de uma Unidade de Esquerda que nunca ultrapassou o acidental, o precário e a fachada, determinaram a derrota dos socialistas, dos comunistas e dos radicais perante os gaullistas e os giscardianos. Pode dizer-se, pois, que o Centro-Direita não derrotou a Esquerda — mas a sua profunda desunião.

**Noticiário e telex do nosso enviado especial BERNARDINO COELHO**

Págs. 12 e 13

## NO NORTE E CENTRO

# GREVE DOS BANCÁRIOS COMEÇOU HOJE À TARDE

• Mantém-se a perspectiva de paralisação total a partir do próximo dia 27

Pág. 28

## LOGO É PRIMAVERA!

**A**S 23 horas e 34 minutos de hoje começa a Primavera. O ciclo rotativo das estações, articulado em equinócios e solstícios, é o sinal de que tudo se transforma e tudo se renova. Tudo — apesar de tudo. E como a Primavera é uma outra estação, amanhã é um outro dia.



Desenho de JOSÉ DE LEMOS



Foto de JOSÉ ANTUNES

## FACULDADE DE CIÊNCIAS: CRIME SEM CASTIGO?

No decorrer de uma inspecção aos escombros da Faculdade de Ciências, o comandante dos Sapadores Bombeiros (na gravura) insistiu, esta manhã, no perigo que correm muitos edifícios públicos, e mesmo alguns prédios de habitação, da região de Lisboa. Sobre o fogo que destruiu aquela escola, o comandante do B. S. B. opinou ser completamente impossível obterem-se conclusões definitivas sobre as origens do incêndio.

Pág. 19

## FISCALIZAÇÃO ECONÓMICA

# LANÇADA EM TODO O PAÍS A MAIOR CAMPANHA DE SEMPRE

**E**M todo o país começa hoje uma gigantesca campanha de fiscalização económica, tendente a combater o açambarcamento, a especulação e a falta de qualidade dos produtos, sobretudo dos de primeira necessidade. A informação foi prestada, a meio da manhã, pelo ministro do Comércio e Turismo (na gravura, tendo ao lado o secretário de Estado do Comércio Interno), que também revelou estarem a ser distribuídos, em todo o território nacional, sete milhões de quilos de galinhas e um milhão de litros de azeite.



Foto de MARQUES DA COSTA

Pág. 11

# É IMPOSSÍVEL DESCOBRIR AS CAUSAS DO INCÊNDIO QUE DESTRUIU A FACULDADE DE CIÊNCIAS

«É completamente impossível descobrir quaisquer indícios que nos levem a conclusões firmes sobre as origens do incêndio, dado que, como vê, tudo isto está calcinado pelo fogo» — disse-nos, esta manhã, o comandante dos Sapadores Bombeiros, quando observava, juntamente com os chefes Oliveira e Rocha, as cinzas do pavilhão pre-construído de salas de aulas.

O coronel Teixeira Coelho voltou a afirmar a sua estranheza pela forma como o fogo se desenvolveu e salientou que toda a construção e o modo como as salas e outras arcações estavam aproveitadas para armazenamentos de materiais inflamáveis e, inclusive, localizações de oficinas nos forros permitiram um alastramento rápido do fogo.

«Nos forros havia depósitos de materiais inflamáveis» — afirmou-nos também. E acrescentou:

«Quanto ao aspecto de segurança, a localização do pavilhão e a sua construção é um verdadeiro crime, o que nunca teria sido permitido se a Inspeção de Incêndios pudesse ter uma palavra a dizer sobre as construções que se efectuam nos edifícios públicos, que estão à margem das inspeções. A Comissão Directiva da Faculdade, tanto a actual como as anteriores, tinham em seu poder relatórios dos bombeiros que alertavam para o perigo que se corria. Parte das obras que estavam aqui a fazer-se, como a colocação das bocas de incêndio, foram já resultado desses relatórios. Infelizmente ainda não estavam ligados à rede geral. Quero salientar, e para desfazer notícias menos correctas, que a colaboração entre os piquetes da Companhia das Águas e da Electricidade foi perfeita, como sempre. Não podia efectivamente era canalizar-se toda a água de uma determinada área para aqui, pois corria-se o risco de, por elas serem velhas, estourarem e acabar por não haver água nenhuma para o combate ao incêndio.»

O comandante do B. S. B. insistiu, por mais de uma vez, durante a conversa com os jornalistas, existirem numerosos edifícios públicos que albergam valores culturais e artísticos e que não têm o parecer da corporação, porque a isso não são obrigados. Salientou, ainda, que, nos arredores de Lisboa, há autênticas torres de armazenar pessoas, edifícios esses que não foram analisados sob esse aspecto e não estão aptos a que os bombeiros os escalem por fora.

## ALUNOS PODERÃO SER INSTALADOS NO PALÁCIO BRAMÃO

Entretanto, três elementos da direcção da Associação dos Alunos da Faculdade de Ciências, dois deles pertencentes ao Conselho Directivo, deram, esta manhã, uma conferência de imprensa, acerca do incêndio da sua Faculdade e fizeram o ponto da situação escolar.

Historiaram os acontecimentos já relatados nos jornais, esclarecendo que as «ligações do P. B. X. nunca estiveram cortadas», e que os sucessivos Conselhos Directivos tinham feito chegar ao M. O. P., já depois do 25 de Abril, diversos relatórios, nos quais se afirmavam as condições precárias da Faculdade e o perigo iminente que ela corria, infelizmente agora confirmado. Só agora as obras que estavam a ser efectuadas e que eram de uma morosidade assustadora, contemplavam alguns pontos

mínimos dessa segurança, como a colocação de bocas de incêndio e extintores. Essas obras começaram em 1977 (Agosto) e ainda estão por terminar, dificultando imenso o ataque ao incêndio. Quanto à afirmação da Direcção-Geral das Construções Escolares de ainda não ter fornecido uma verba de 6 mil contos já destinada para melhorias da segurança do edifício, por os Conselhos Directivos estarem sempre a mudar, «isso não se justifica, pois a linha do diferentes Conselhos tem sido sempre a mesma e muitos dos seus elementos estão lá há mais de três anos».

Afirmaram, ainda, a convicção de se tratar de um acto criminoso, o que em nada libeia a responsabilidade do M. O. P. e do M. E. C. Culpam o Governo de poder haver atentado deste tipo, quase quatro anos passados depois do 25 de Abril, dado que permite a libertação de indivíduos reconhecidamente perigosos, e cria um estado de permissividade para este tipo de acções.

«Não sabemos se foi a Cordero ou não. Mas que foi fogo posto, foi!» — afirmaram, sem contudo apresentarem dados concretos, que pretendem ainda recolher. E acrescentaram:

«Muitas forças não estão interessadas no funcionamento desta escola com tradições de luta antifascista. Além disso, é patente a satisfação que a direita mostra perante o facto. Muitas pessoas param em frente da escola, afirmando que «é para verem o que isto é depois do 25 de Abril», atribuindo tudo ao 25 de Abril, e utilizando-o como represália contra o 25 de Abril.»

Esclareceram que não há efectivamente produtos radioactivos que corram risco de explosão — e os poucos que há poderiam espalhar-se se houvesse um rebentamento, mas a sua periculosidade seria sempre diminuta. Desmentiram as palavras de Sotomayor Cardia, de que «só há dois meses teve conhecimento do estado em que se encontrava o edifício», porque «em Maio do ano passado os professores da

## O COMBOIO NÃO SEGUIU SEM SUBSTITUIÇÃO DO REVISOR...

PORTO — Numa composição que circulava na linha do Douro, entre Campanhã e Régua, registou-se grande burburinho, na sequência de um conflito surgido entre um passageiro e um revisor.

A dada altura do percurso, o jovem Manuel Augusto de Sousa e Silva, de 18 anos, residente em Parada (Paredes), que ia jogar cartas com outros amigos, não gostou de ser incomodado pelo revisor, António Monteiro, quando este pretendia que lhe fosse mostrado o bilhete. Houve troca de palavras, o passageiro parece que se excedeu na linguagem e o revisor agrediu-o.

Quando o comboio chegou a Rio Tinto, alguns passageiros obrigaram o chefe de estação a tomar providências para que o ferido fosse transportado ao Hospital de S. João. No Porto, e puxaram pelo sinal de alarme, retendo o comboio cerca de meia hora.

A composição só viria a seguir para a Régua depois de o chefe da estação ter cedido às imposições dos passageiros, mandando proceder à substituição do referido revisor.

Escola, num encontro que tiveram com o ministro informaram-no do que se passava».

A terminar, os dirigentes escolares afirmaram que as aulas iam continuar e que a escola se ia manter viva, pois era essa a vontade de alunos, professores e trabalhadores e não porque o M. E. C. despachasse nesse sentido. Para já, rejubilam uma solução que vá pulverizar a Faculdade por diversos locais da cidade. Toda a força que agora farão é conseguir colmatar as brechas e fazer com que os alunos não sejam prejudicados no último semestre, paralelamente a uma pressão a todos os níveis para que as obras da nova Faculdade arranquem o mais rapidamente possível.

Esta tarde, realizar-se-á uma Assembleia Geral de Escola, na Reitoria da Universidade, em que será apresentada uma proposta, elaborada dos contactos com vários sectores da escola, onde se apontam medidas imediatas: aquisição de um edifício para funcionamento de parte da Faculdade, recuperação de parte dos laboratórios que não foram totalmente destruídos.

Dos contactos havidos com o M. E. C. no sentido de se encontrar novo edifício (contactos que têm sido positivos) surgiram já duas hipóteses: ou parte do edifício da 24 de Junho onde irá fazer-se a reinstalação do M. E. C., ou o Palácio Bramão, contíguo à Imprensa Nacional, e que, embora com menos condições, tem a vantagem de se encontrar muito perto da sede da Faculdade.

Por outro lado, o problema da Faculdade de Ciências será discutido no próximo Conselho de Ministros — e pretende-se que este reforce a verba de 125 mil contos, que iria dar para a nova Faculdade, aumentando-a para 250 mil, facilitando assim o arranque da mesma.

## O M. E. C. GARANTE QUE A ESCOLA VAI CONTINUAR

O Ministério da Educação e Cultura distribuiu, na tarde de sábado, um comunicado sobre o incêndio na Faculdade de Ciências, garantindo aos estudantes, a determinação passo, que a sua escola vai continuar. Segundo a nota ministerial, estão, neste momento, a ser estudadas medidas excepcionais que atenuem os prejuízos, nomeadamente com vista à obtenção de instalações que permitam a continuidade das actividades escolares.

Retere, também, o M. E. C., que «as seculares instalações em que funcionava a Faculdade de Ciências estavam próximas do termo da sua utilização; com efeito após a aprovação do respectivo projecto, o lançamento da fase de construção para a construção de nova Faculdade, a edificar na zona da cidade universitária, estava prevista para o primeiro semestre deste ano».

O comunicado ministerial termina com um público agradecimento do dr. Sotomayor Cardia ao Batalhão de Sapadores Bombeiros, às corporações de Bombeiros Voluntários e à P. S. P., e salienta a importância da colaboração prestada pelos órgãos de gestão da escola, por docentes, estudantes e funcionários, referindo que «a acção de todos permitiu salvar parte do equipamento laboratorial e de colecções científicas».

## COMUNICADO DO CONSELHO DIRECTIVO

Em comunicado enviado à Anop, o conselho directivo da Faculdade de Ciências reafirma o que alguns dos seus elementos já haviam dito à reportagem do «D. P.» durante

o incêndio: «já há muitos anos» que as autoridades competentes estavam alertadas para os eventuais perigos de deflagração de incêndio nas instalações da Rua da Escola Politécnica.

O conselho revê, em relatório elaborado em 1975, os bombeiros da capital tinham considerado o edifício da Faculdade como «um dos mais explosivos de Lisboa». No relatório apontava-se para a necessidade urgente de colocação de extintores em locais devidamente demarcados, criação de um sistema de detecção de incêndios, instalação de bocas de incêndio, e alargamento dos portões de acesso (que não comportam a entrada dos veículos-tanques de maior dimensão).

Das necessidades referidas, prossegue o comunicado, apenas foi possível obter, em No-

vembro de 1976, da Direcção-Geral do Ensino Superior, a verba necessária para aquisição dos extintores. As restantes obras, a cargo de outro departamento do Ministério da Educação — Direcção-Geral das Construções Escolares —, foram sucessivamente proteladas tendo finalmente começado em Agosto de 1977 a colocação de bocas de incêndio, embora tais obras se tenham arrastado «inexploravelmente até à presente data» e o conselho directivo haja solicitado um inquérito sobre o assunto.

O facto das obras previstas ainda não estarem concluídas motivou que não tivesse sido possível atacar o incêndio pela ala leste (onde estava a deflagrar com mais intensidade), pois no local se encontravam valas, amontoados de terra e máquinas, que as bocas de incêndio, colocadas há menos

de quinze dias não se encontrassem ainda ligadas as novas canalizações e, finalmente, que o não alargamento dos portões impedisse, como se previa, que os veículos de maior potência entrassem nas alas este e leste da Faculdade.

Segundo os responsáveis pela direcção da Faculdade de Ciências, «se o incêndio se tivesse verificado há cerca de um mês nenhum carro dos bombeiros podia ter penetrado no recinto».

O comunicado referido, que afasta a hipótese de curto-circuito, confirma a perda de espécies únicas no mundo, expostas nos Museus Bocage e Mineralogia e a salvação do laboratório de química, condição essencial para não pôr em perigo toda a área circundante da Faculdade em virtude dos materiais explosivos e inflamáveis nele contidos».

## TAUROMAQUIA

# GRANDE PEGA DE CARAS DO FORCADO ROGÉRID ANTUNES EM VILA FRANCA DE XIRA

Os touros grandes, nobres e com «trapio», da famosa ganadaria de Família Branco, despertaram grande interesse nos aficionados ao touro de lide e contribuíram para a enchente que ontem, no iúicio da temporada, teve a castiça praça de touros de Vila Franca de Xira. Touros de casta e com poder, pesaram em média mais de 500 quilos, não ofereceram quaisquer problemas aos toureiros, os quais nem sempre os souberam aproveitar como mereciam.

Gustavo Zenki, que terminou a temporada passada em elevado plano artístico, com «faenas» de grande mérito, não esteve, ontem, à altura dos seus inimigos e não agradou ao público nem à crítica com as suas indecisões imperdoáveis. No primeiro touro, que pesou 510 quilos e investia com nobreza, sem atrair uma cornada nem «comer» terreno, Gustavo acabou à deriva e sem sítio. Farpeou vulgarmente, sem ligação de «faenas», e apenas cravou dois curtos a merecerem referência especial. O forçado de Vila Franca, Rodolfo Pereira, executou boa pega de caras e deu uma volta à arena, com Gustavo, e outra sozinho, por exigência do público.

No quarto touro, que pesou 510 quilos, o cavalo escorregou e caiu — Ludovino Bacatum salvou o perigo — e Gustavo Zenki, a seguir, limitou-se a farpear sem pena nem glória. Apenas cravou dois curtos bons. Terminou com um «pescanço» a sua actuação.

Rogério Antunes, do Grupo de Vila Franca, provoca o entusiasmo delirante da assistência, com uma formidável pega de caras, e dá uma volta com o cavaleiro (que provoca protestos) e outra sozinho, em que é ovacionado ruidosamente.

Emídio Pinto esteve sereno e, no segundo touro,

bonito e nobre, que pesou 535 quilos, aguentou recargas violentas e ouviu música, ao farpear com decisão e estilo. Terminou a sua actuação, neste touro, com um curto muito bom. Ovacionado, deu a volta ao redondel com o forçado António José Pinto, de Alcochete que pegou bem. No quinto touro, castanho



Dois apontamentos de Martin Maqueda, na corrida de ontem

pesou 500 quilos, Emídio Pinto desenvolveu bom toureiro e salientou-se na colocação de magníficos ferros curtos, a sergo, rematados primorosamente por dentro. A música tocou em sua honra e, no final, o cavaleiro deu a volta à arena, com o forçado José Rocha, de Alcochete, que fez magnífica pega de caras.

No terceiro touro, feio de cabeça, a lembrar os touros antigos do Campo de Santana, Manuel Jorge de Oliveira não se entrega a fundo na execução das sortes e o público não sente listas e olho de perdiz, que

a «faena», que considera vulgar. Manuel Jorge crava ferros descuidados e sofre alguns toques na montada. Reage perante a indiferença do público e coloca um curto estupendo em todo o alto. O forçado Anibal Pinto, da Molta do Ribatejo, executou grande pega de caras e acompanhou o cavaleiro na volta ao «ruedon».

No sexto touro, 520 quilos, Manuel Jorge iniciou a «faena» com dois ferros mal colocados, nas reáguas e, arriscando tudo por tudo, conseguiu o beneplácito do público, com os seus emocionantes curtos em curto, a aguentar a investida do inimigo até o último momento e a passar o «piton» com limpeza e moção. Calorosamente ovacionado, deu a volta ao redondel, com o forçado Eduardo Costa, da Molta do Ribatejo, que executou, com limpeza, uma bela pega de caras.

Na brega, estiveram oportunos os peões Cesar Marinho, Joaquim Gonçalves, José Agostinho dos Santos, Manuel Jacinto, António Sacramento e Carlos Lázaro.

Os touros mereciam «faenas» melhores mas o público compreendendo que era o início da temporada, saiu satisfeito. O «ganadero» Francisco Palha deu a volta ao redondel. — NIZZA DA SILVA

## O NOVIILHEIRO VITOR MENDES EM ESPANHA

O novilheiro Vitor Mendes esteve na última semana em terras de Sevilha, onde tomou parte em algumas «entlas», nomeadamente nas vacadas de António Ordoñez, Benitez Cubero e Pablo Romero, juntamente com os matorres Ralyto de Venezuela, Curro Romero e Paco Alcada.

Entretanto, em Madrid, o seu poderado, Gonzalito, programou, para já, a sua apresentação num festival a realizar em Saragoça, seguindo-se duas novilhadas em Logroño e na província de Pamplona.